

**Jornalismo como saber na *Escola Outra*<sup>1</sup>:  
o uso pedagógico da notícia em sala de aula<sup>2</sup>  
Journalism as knowledge in the Other School:  
the pedagogical use of news in the classroom  
El periodismo como saber en la Otra Escuela:  
el uso pedagógico de las noticias en el aula**

**Ane Katerine Medina Néri**

Centro Universitário Campo Limpo Paulista (Unifaccamp), Campo Limpo Paulista/SP – Brasil

**Roberto Marcos Gomes de Onófrío**

Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia de Hortolândia, Hortolândia/SP – Brasil

**Resumo:**

Esta pesquisa busca estudar as relações com o saber (CHARLOT, 2000) de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, em escolas municipais paulistas, com os textos jornalísticos. Enfoca tanto o uso da notícia em atividades pedagógicas, quanto o próprio *status* do jornalismo como saber e conhecimento, em prol do aprender. O estudo de caso, realizado com 15 docentes, entre 2021 e 2022, mostrou o uso habitual de textos jornalísticos em sala e a sua aceitação por parte dos alunos, bem como o fato de serem selecionados por aspectos bem afeitos ao fazer pedagógico: clareza na apresentação de fatos e ideias, fácil entendimento, relevância de assuntos tratados e conexão com temas trabalhados em sala e com a realidade extratextual. Percebe-se que o jornalismo é considerado uma espécie de saber à disposição da relação ensino-aprendizagem e, por suas características peculiares, contribui para as relações de saber do aluno com o seu entorno.

**Palavras-chave:** Método de ensino, Métodos pedagógicos, Currículo, Relação com o saber, Jornalismo como saber, Jornalismo como conhecimento

**Abstract**

This research seeks to study the relationships with knowledge (CHARLOT, 2000) of Elementary School 1 teachers with journalistic texts in São Paulo municipal schools. It focuses on the use of news in pedagogical activities and on the status of journalism itself as knowledge, in favor of learning. The case study was carried out with 15 teachers, between 2021 and 2022. It showed the ordinary use of journalistic texts in the classroom and its acceptance by the students, as well as they are selected for aspects well used in pedagogical practice: clarity in the presentation of facts and ideas, easy understanding, relevance of subjects

---

<sup>1</sup> A expressão *Escola Outra* se refere ao núcleo de estudos criado pelo Prof. Dr. Flávio Caetano da Silva (UFSCar), que busca refletir sobre a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas, a partir dos estudos do Prof. Dr. Bernard Charlot sobre o chamado "fracasso escolar" e do desafio trazido pela pandemia do Coronavírus, que intensificou o ensino remoto, mediado por tecnologias da informação e da comunicação.

<sup>2</sup> Este texto se refere ao resultado de pesquisa realizada no âmbito do curso de especialização *lato sensu*: "Da Escola Pública à Escola Outra: relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho", oferecido pelo Depto. de Educação da UFSCar, em parceria com a Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do Município de Hortolândia (SP).

covered, and connection with themes worked in classroom and with extratextual reality. It is noticed that journalism is considered a kind of knowledge available to teaching-learning relationship and it contributes to the student's knowledge relationships with his surroundings due to its peculiar characteristics.

**Keywords:** Teaching method, Pedagogical methods, Curriculum, Knowledge; Journalism

### **Resumen**

Esta investigación busca estudiar las relaciones con el saber (CHARLOT, 2000) de profesores de la Enseñanza Básica 1, en escuelas municipales de São Paulo, con textos periodísticos. Se enfoca tanto el uso de la noticia en las actividades pedagógicas, como en el estatus del propio periodismo como saber y conocimiento, a favor del aprendizaje. El estudio de caso, realizado con 15 profesores, entre 2021 y 2022, mostró el uso habitual de textos periodísticos en el aula y la aceptación de estos textos por parte de los estudiantes, así como su selección basada en aspectos bien utilizados en la práctica pedagógica: claridad en la presentación de hechos e ideas, fácil comprensión, pertinencia de los asuntos tratados y conexión con temas trabajados en el aula y con la realidad extratextual. Se percibe que el periodismo es considerado un tipo de saber disponible para la relación enseñanza-aprendizaje y, por sus peculiares características, también contribuye a las relaciones de saber del alumno con su entorno.

**Palabras clave:** Método de enseñanza, Métodos pedagógicos, Currículo, Relación con el saber, Periodismo como saber, Periodismo como conocimiento

## **1. Introdução**

Diariamente, em sala de aula, vários saberes concorrem para a formação escolar da criança de seis a onze anos de idade, matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental. Um deles é disponibilizado ao aluno por meio de textos jornalístico<sup>3</sup>, reconhecidos, nos dias de hoje, por características como atualidade, novidade, periodicidade, publicidade (tornar assuntos públicos), universalidade de assuntos e objetividade (PENA, 2005a; 2005b).

Esta pesquisa buscou estudar as relações com o saber (CHARLOT, 2000) na escola pública municipal brasileira, mais especificamente, a dos professores com o jornalismo, enfocando o seu uso pedagógico nos anos iniciais do ensino fundamental, numa cidade do interior paulista, entre 2021 e 2022. Ela tomou como base os estudos sobre a relação com o saber, realizados inicialmente na

---

<sup>3</sup> Trata-se aqui de textos jornalísticos voltados ao mercado e ao lucro, produzidos comercial e/ou industrialmente, deixando-se de fora do escopo os produzidos em iniciativas da educomunicação.

França pelo professor Bernard Charlot<sup>4</sup> e, posteriormente no Brasil, pelo professor Flávio Caetano da Silva<sup>5</sup>.

O estudo de caso foi realizado no âmbito do curso de especialização *latu sensu* *Da escola pública à escola outra: relações com o saber que afetam projetos de vida e do trabalho*, promovido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em cooperação com a Prefeitura Municipal de Hortolândia. A primeira oferta da pós-graduação aconteceu no período de 04/2020 a 04/2021 e a segunda, de 08/2021 a 08/2022.

Este estudo contou com a contribuição de 15 profissionais da rede municipal de ensino, que desempenharam a função de professores em salas de aula das turmas do 1º ao 5º ano e participaram do questionário<sup>6</sup>. Todos eles eram ou haviam sido alunos dessa especialização. No final de 2021, os profissionais da rede municipal de educação receberam a primeira versão do currículo municipal. O documento, ainda em fase de ajustes, foi elaborado por consultoria contratada, a partir das recomendações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de sugestões enviadas por quem atua na área, em escolas municipais.

Na qualidade de jornalista e professora dessa área, a aluna em formação percebe esta pesquisa como relevante por vários motivos, um deles oriundo de sua própria vivência como educadora. Desde 2009<sup>7</sup> com o fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão<sup>8</sup>, percebe-se uma

---

<sup>4</sup> Bernard Charlot é professor titular emérito em ciências da educação na Universidade de Paris 8 (França). É professor voluntário na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde é membro do curso de Pós-Graduação em Educação (Ppged) e colíder do Grupo de pesquisa CNPq Educação e Contemporaneidade (Educon).

<sup>5</sup> Flávio Caetano da Silva é professor associado da UFSCar, lotado no Departamento de Educação e credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, nos cursos de mestrado e doutorado. Doutor em educação pela Universidade de São Paulo (USP), em 2002. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Sergipe, sob a supervisão do Prof. Bernard Charlot, em conjunto com a Université Paris 13-Nord, França, sob a supervisão da Profa. Christine Delory-Momberger, em 2019.

<sup>6</sup> A escolha dos professores que contribuíram para a realização deste estudo de caso adotou como critério primordial a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma exigência do Curso de Pós-graduação, atendendo à Resolução 466/2012 do CNS (Conselho Nacional de Saúde).

<sup>7</sup> No dia 17 de junho de 2009, o plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por oito votos a um, derrubar a exigência do diploma para exercício da profissão de jornalista, atendendo a recurso protocolado pelo Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo (Sertesp) e pelo Ministério Público Federal (MPF), o que contrariava o entendimento da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). O processo teve como relator o ministro Gilmar Mendes. A decisão causou polêmica no meio, tanto entre os jornalistas profissionais quanto nas universidades.

<sup>8</sup> A fim de reverter essa decisão, tramita na Câmara dos Deputados a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 206/2012, de autoria do Senado, que torna novamente obrigatória a exigência de diploma de curso superior de jornalismo para o exercício da profissão. Segundo o

crescente atuação de pessoas, sem o necessário preparo, na área jornalística. Aqui, entende-se despreparo ora como a falta de formação superior, específica ou não (em comunicação/jornalismo), ora a sua redução à mera dimensão técnica<sup>9</sup>, apartada da ética e da ampla formação humanística e cultural.

Outro motivo vem da própria relação com o saber, quando se considera a recomendação feita em documentos referenciais da educação no Brasil, como a BNCC<sup>10</sup> e o Currículo Paulista, e o uso do jornalismo como saber em sala de aula. Preocupa a eventual escolha pelo professor de material de baixa qualidade informativa, isto é, elaborado sem a devida checagem, sem a utilização de fontes confiáveis, sem conexão com a realidade que busca relatar, com viés de propaganda/publicidade (sem viés crítico) e até classificável como *fake news*<sup>11</sup>.

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar em que práticas e atividades pedagógicas, o texto jornalístico é usado pelo docente. A título de objetivos específicos, buscou-se também descobrir com que periodicidade e finalidades ocorre esse uso. Por fim, procurou-se, ainda, saber a aceitação desse tipo de texto por parte do aluno e registrar quais são as características inerentes

senador Antonio Carlos Valadares (PSB-SE), autor da PEC, tão logo entrou em vigor, a decisão do STF

---

rapidamente gerou uma desqualificação do corpo de profissionais de imprensa brasileira. “Empresas jornalísticas de fundo de quintal poderiam se proliferar contratando, a preço de banana, qualquer um que se declare como jornalista”, afirmou o parlamentar a profissionais da Agência Câmara de Notícias, na ocasião.

<sup>9</sup> O despreparo a que nos referimos no texto é percebido, cotidianamente, no exercício da profissão e pode ser facilmente comprovado pelo despreparo dos novos “colegas” na abordagem das fontes, durante entrevistas (coletivas ou individuais), na maneira como são (mal) escritos pedidos de informação às assessorias de imprensa e também na publicação integral, sem alterações, de textos oficiais em sites comerciais que se apresentam ao público como informativos/jornalísticos. Há também pesquisas que abordam o tema, como a de Silva e Batista (2020), intitulada de *As implicações da queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo na sociedade: sob a perspectiva do voto emitido pelo relator do processo*. Há também a de Silva e Moura (2012, p. 4-5), em que afirmam: “É interessante ressaltar que o jornalista diplomado frequentou um curso superior de jornalismo, isso lhe possibilita uma visão mais holística do processo comunicacional e melhor assimilação das consequências sociais do exercício da profissão. [...] é preciso repensar a obrigatoriedade do diploma de jornalismo, pois a informação sendo um direito da sociedade, esta não pode estar atrelada a interesses escusos, tais como, mercadológico, econômico e político. Com o objetivo de rediscutir o tecnicismo atribuído ao jornalismo, alguns setores da sociedade já defendem a obrigatoriedade do diploma. Só que essa discussão perpassa interesses que vão além do social, uma vez que para algumas empresas e políticos quanto mais dependente a imprensa for, melhor. E para atender a essa dependência, o profissional técnico é mais bem visto do que aquele que questiona, critica e argumenta em favor do interesse coletivo e social [sic].”

<sup>10</sup> Para saber sobre a BNCC e o Currículo Paulista, ver p. 10-11 deste artigo.

<sup>11</sup> A expressão em inglês, *fake news*, amplamente utilizada na atualidade, costuma referir-se à mensagem de conteúdo falso, de forte carga emocional, disseminada por meio da internet. De maneira geral, é entendida como sinônimo de mentira e conteúdo falso, que ilude o público por ter características, em geral, parecidas com as das notícias produzidas e publicadas por fontes confiáveis.

ao jornalismo, que, aos olhos do professor, fazem dele recurso pedagógico relevante em sala de aula. A pesquisa visa a contribuir para a qualificação desse saber à disposição do professor para uso em sala.

A hipótese é a de que, nessa rede pública de educação do interior paulista, professores municipais dos anos iniciais do ensino fundamental utilizam periodicamente o saber jornalístico como recurso pedagógico em sala de aula e, por suas características específicas, esse saber contribui para a aquisição de competências preconizadas para essa faixa etária.

## 2. O que é jornalismo?

Fruto da cultura humana, jornalismo é algo para ser entendido no plural, seja pelas mudanças históricas<sup>12</sup> ocorridas no decorrer do tempo, seja pelas diferenças expressivas de meio para meio (impressos, sonoros, audiovisuais, multimidiáticos, digitais, dentre outros), seja pela pluralidade de práticas e definições.

Para o pesquisador alemão e professor de jornalismo Michael Kunczik (2001, p. 15), mais que uma “profissão de comunicação”, feita por alguém que passa ao receptor da mensagem informação, opinião ou entretenimento, o jornalismo é, numa abordagem mais específica, a profissão “de todos os trabalhadores em tempo integral e parcial dos meios de comunicação que participam da reunião, do processamento, da revisão e do comentário das notícias e/ou entretenimentos” (KUNCZIK, 2001, p. 15-16).

No artigo “Por que é que as notícias são como são?”, o sociólogo e professor Michael Schudson (1988, p. 26), um dos estudiosos do fazer jornalístico, afirma, ao falar sobre as técnicas do lide e da pirâmide invertida, isto é, de seleção e priorização dos elementos considerados essenciais na redação da notícia, formato emblemático na área, atualmente:

A forma da notícia que hoje os repórteres tomam por garantida, pondo em relevo o presidente e o conteúdo do seu discurso, e presumindo, sem dúvidas, que a notícia não deve seguir a ordem de apresentação mas dar antes os temas mais importantes, não é uma forma intemporal. Hoje em dia, os jornalistas toleram-na porque “é” tomada como certa enquanto elemento da nossa cultura jornalística. Mas nem sempre foi assim. Surgiu como um produto do conflito e da mudança

---

<sup>12</sup> No livro *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*, o professor Ciro Marcondes Filho (2002) traz um quadro evolutivo de cinco épocas distintas do jornalismo: pré-história, primeiro, segundo, terceiro e quarto jornalismo.

económica, política e social. Outras convenções jornalísticas e categorias culturais também têm história. [sic]

Nessa abordagem, observa-se, ao menos três características importantes: as transformações ocorridas na linha do tempo nas técnicas e práticas, a função social de informar sobre fatos atuais e relevantes para a coletividade e o papel do jornalista de atuar como mediador ou intermediário, entre algo a apurar, a saber, a conhecer (seja o fato, a chamada realidade objetiva, sejam as fontes informativas) e o público a quem endereça a sua mensagem.

Porém, nas abordagens tradicionais da comunicação jornalística quanto às suas funções sociais, também são lembradas as de persuadir e divertir, muito embora sobressaia a de oferecer a seu público, ciclicamente, a chamada “informação de atualidade”, ou como diz o professor Laymert Garcia dos Santos (1988, p. 9), a de “dizer o presente”. O jornal, e por associação, o jornalismo são uma espécie de mecanismo de “representação do presente”.

No texto *O que é jornalismo?: percepções de estudantes de jornalismo no século XXI* [sic], as autoras fazem um apanhado de outras características essenciais:

Por princípio, o jornalismo estabelece um vínculo com a realidade – “a transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista” (TRAQUINA, 2020, p. 10) - e coloca o bem público como estandarte da sua ideologia (DEUZE, 2005, p.447), não prescindindo de valores como verdade, rigor, imparcialidade, objetividade<sup>13</sup>. Os jornalistas devem produzir notícias de interesse público, esforçando-se por não permitir que os seus preconceitos interfiram nesse processo. Estes valores estão inscritos na generalidade dos códigos de ética profissional que orientam os jornalistas na sua prática diária. Como refere Traquina (2002, p.135), ser jornalista “implica a partilha de um *ethos* que vem sendo afirmado há mais de 150 anos. Mas, ser jornalista também implica crença numa constelação de valores, a começar pela liberdade” (LOPES; SILVESTRE; MATA, 2020, p. 209)

Em outra obra basilar na área, *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*, os jornalistas norte-americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004) apontam como principal finalidade do jornalismo “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e

---

<sup>13</sup> Sobre o controverso conceito de objetividade, que ora significa a capacidade de, no texto jornalístico, ir direto ao ponto e ser sucinto, ora a de estar apegado à realidade factual, como que a “espelhá-la” (PENA, 2005)

se autogovernar”. Desse modo, atua como ferramenta que contribui para construir a comunidade, a cidadania e a própria democracia.

Nos últimos cinquenta anos, raras vezes a pergunta ‘para que serve o jornalismo?’ tem sido feita nos Estados Unidos – seja por cidadãos, seja por jornalistas. Bastava dispor de uma máquina impressora ou uma licença de rádio para produzir jornalismo. Assim, o jornalismo americano ficou reduzido a uma simples tautologia: as coisas são como dizem os jornalistas. [...] A resposta simplista já não é suficiente – se é que algum dia o foi diante de um público cada vez mais cético. Pelo menos não agora, quando as novas tecnologias de comunicações, com base num *modem* ou em um computador, permitem a qualquer pessoa proclamar que está “fazendo jornalismo”. [...] Talvez, sugerem alguns analistas, a definição de jornalismo tenha sido superpopularizada pela tecnologia, de forma que qualquer coisa hoje é tida como jornalismo. Contudo, um exame mais detido do problema revela [...] que a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia a dia. [...] os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas. (KOVACH; ROSENSTIEI, 2004, p. 29-31) [sic]

É justamente por ter essa função na vida das pessoas, de contribuir para a construção da própria comunidade e da cidadania e, desse modo, do viver democrático, que o jornalismo ganhou importante papel em documentos norteadores da educação brasileira, como a BNCC e o Currículo Paulista. Eis um aspecto a ser abordado mais adiante neste artigo.

Autor clássico nos estudos fundantes dessa área no Brasil, o jornalista e professor Juarez Bahia (1990, p. 9) defende, mesmo gerando certa controvérsia, que o jornalismo é, simultaneamente, uma arte, uma técnica e uma ciência. Ressalta ele que “é da natureza do jornalismo levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social. Nesse sentido, assume uma condição de intermediário da sociedade”. Pesquisadora, jornalista e professora da área, Cremilda Medina (1982), na obra também referencial *Profissão jornalista: responsabilidade social*, evidencia o jornalista como uma espécie de tradutor.

Segundo Medina (1982, p. 155-157), como parte de sua abordagem de trabalho, todo jornalista deve desempenhar o papel de “tradutor” de linguagens especializadas para uma linguagem jornalística de grande alcance social. Quando consciente de sua função como intermediário, “tradutor de linguagens específicas” e comunicador que leva informações a uma audiência mais ampla, o comportamento do jornalista se modifica. Em vez de necessitar compreender profundamente o conteúdo ao nível do entrevistado, o jornalista deve ser competente em “questionar”, “perguntar” e “exigir” indicações acessíveis a todos, Revista Educação Online, Rio de Janeiro, v. 18, n.44, set.-dez. 2023, p. 1-25

além de “conectar” a fonte com a realidade social, mesmo quando ela está enraizada em um contexto especializado.

### **3. Um olhar para a notícia, o saber e o conhecer**

Assim como o de jornalismo, é fundamental, neste trabalho, o conceito de notícia. Ela tanto pode ser entendida como produto da indústria jornalística (ou mais atualmente, dos conglomerados), quanto como informação carregada de temporalidade, veículo do “novo”, do que se presentifica e atualiza.

Para dois importantes estudiosos da área, esse fruto do fazer jornalístico é, ao mesmo tempo, algo de caráter público e também notável. Segundo o professor português Adriano Duarte Rodrigues (1988, p. 9), equivale ao “acontecimento notável, digno de ser registrado na memória”. Já para o professor e pesquisador norte-americano, radicado em Portugal, Néelson Traquina (1988, p. 31), também diz respeito àquilo “que, dentre um imenso universo de matéria-prima, é digno de adquirir existência pública”.

Baseado nas ideias da socióloga norte-americana Gaye Tuchman, a respeito da teoria do agendamento<sup>14</sup>, este mesmo autor também apresenta a notícia como construção, narrativa ou “estória”, evidenciando seu caráter de linguagem, abordagem muito incômoda aos profissionais da área, ainda apegados à visão de que o texto jornalístico “espelha” a realidade.

Bird e Dardenne (1988/1993: 265): defendem que “considerar as notícias como narrativas não nega o valor de as considerar como correspondentes da realidade exterior” e acrescentam que “as notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam, claro que os leitores aprendem com as notícias”. Gaye Tuchman (1976/1993: 262) sublinha o mesmo ponto quando escreve “dizer que uma notícia é uma ‘estória’ não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna”. (TRAQUINA, 2005, p. 18-19)

Além de todas essas abordagens, considerado o recorte desta pesquisa, é importante refletir sobre o seguinte ponto: Seria também o jornalismo uma espécie de saber? A partir das ponderações do professor Bernard Charlot (2000, p. 86) sobre o processo humano de aprender, é possível afirmar que sim. Diz ele: “[...] por ‘relação com o saber’ eu designo a relação com ‘o aprender’, qualquer

---

<sup>14</sup> Essa teoria assinala que o poder do jornalismo está tanto na capacidade de selecionar os acontecimentos ou temas noticiáveis, quanto na de “enquadrar esses acontecimentos e/ou temas” (TRAQUINA, 2005, p. 16).



que seja a figura do aprender e, não apenas, a relação com um saber-objeto, que representa apenas uma das figuras do aprender.”

Então, o pesquisador francês, radicado no Brasil, vai delineando esse conceito-chave em seus estudos, ressaltando o fato de o homem estabelecer essa relação com o mundo, por meio das linguagens, do acesso ao simbólico, ao universo dos significados.

[...] Analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros: a relação com o saber é a relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação simbólica, ativa e temporal. Essa análise concerne a relação com o saber que um sujeito singular inscreve num tempo social. (CHARLOT, 2000, p. 77-79)

Charlot (2000, p. 33-34) aponta o caráter plural do aluno enquanto ser humano e ressalta a pluralidade de saberes à sua volta, dentro e fora da escola.

\* A relação com o saber é um conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com “o aprender” e o saber;

\* Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: a relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2000, p. 80-81)

Em suas reflexões sobre a pesquisa biográfica, a professora Christine Delory-Momberger (2016, p. 133) chama atenção para uma dimensão tão cara ao jornalismo, a do outro, ao citar Ferrarotti (2013b): “Quando se trata de 'ciência humana', sabe-se apenas com os outros.” Essa leitura do mundo, de si mesmo e do outro no mundo, é também marcada por outros dois parâmetros igualmente relevantes ao fazer jornalístico, a temporalidade e a narrativa.

O ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com a sua própria existência. A temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem. [...] O investigador em pesquisa biográfica só pode acessar “um saber biográfico” pelas entradas que lhe dão os sujeitos no processo de biografização aos quais se dedicam. [...] Na e pela narrativa, o sujeito executa um trabalho de configuração e interpretação - de dar forma e sentido - da experiência vivida. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136, 140-141)

Nesse enfoque, estar na condição de aprender, implica, por definição, em estar em relação – consigo mesmo, com o(s) outros(s), com o(s) mundo(s)

(material e cultural), com o(s) saber(es), enfim. Estar em relação é também um traço indissociável do(s) jornalismo(s), assim como o da busca por desvendar, descobrir, desvelar, conhecer, saber... para compartilhar.

Estudioso dessa teoria, o Prof. Dr. Flávio Caetano da Silva (2022) explica a diferença entre informação, saber e conhecimento, em um mundo profundamente marcado pela presença das Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs). Informação é tudo o que chega ao homem, por meio dos sentidos. Se produz significado, transforma-se em saber.

As duas coisas, a informação e o saber, a gente pode transmitir. [...] são diferentes de conhecimento, na perspectiva teórica do Prof. Bernard Charlot, da relação com o saber. Que é o conhecimento? Quando eu subjetivo o meu saber, internalizando este saber de um jeito absolutamente singular – porque subjetivação é uma forma singular de relacionamento com o meu mundo interior e com o mundo exterior também, quando transformo o meu saber num jeito de conceber o mundo, nós chegamos ao estágio do conhecimento. [...] Não consigo transmitir o meu conhecimento para o outro. (SILVA, 2022, [s./p.]

Nessa pesquisa, com base em Charlot (2000), o jornalismo é estudado como um dos saberes disponibilizados na escola e que concorrem para a formação dos que compõem a comunidade escolar. Um dos objetivos é descobrir o seu uso pedagógico e em que circunstâncias.

No artigo *Aproximações entre jornalismo e educação*, as autoras também se propõem a debater o papel do jornalismo contemporâneo como agente educativo. Ressaltam que jornalismo e educação pertencem ambos a um sistema maior, o da cultura, buscando, cada um a seu modo, contribuir para a interação entre culturas, bem como para a geração e a conservação cultural.

Para tanto, citam quatro dimensões do jornalismo do século XXI: dimensão socializadora, espaço para exercício de cidadania, protagonista do ócio e agente educativo. Numa sociedade midiática, como a atual, esse “agente educativo” possui um “tipo de saber” que convive com o oferecido pelo sistema educacional. É por meio dele, que circula grande parte do conhecimento produzido pela humanidade (EMPINOTTI; PAULINO, 2018, p. 61).

No artigo “Comunicación y educación: una relación necesaria”<sup>15</sup>, Fontcuberta (2001, p. 143, 145) afirma que estamos não na sociedade da

informação, mas na do conhecimento, constituída pelos significados que dão sentido aos dados.

[nela] o que está em questão é o próprio conceito de "saber". [...] Os meios de comunicação hoje não são apenas veículos fundamentais de acesso ao conhecimento, mas também contêm parte desse conhecimento. É um conhecimento que se caracteriza por: a) sua ligação com o presente; b) sua transmissão através de diferentes códigos, linguagens e mídias (imagens, sons, gráficos etc.) que, além de respostas lógicas, estimulam sensações; e c) uma oferta plural (em quantidade e nem sempre em qualidade) dos seus conteúdos que responda a critérios diferentes e por vezes conflitantes.

Outro autor referenciado nesse debate é o brasileiro Eduardo Meditsch (1997, p.10), que apresenta o jornalismo como uma forma de conhecimento válida e útil para indivíduos e sociedades e com características próprias. No entanto, também com limites lógicos e problemas estruturais, na esfera prática, condicionado histórica e culturalmente pelo contexto de sua produção e pela subjetividade dos indivíduos que dele participam, sendo um dos principais problemas “a falta de transparência desses condicionantes”.

[...] o jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Além desta maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de comunicação que lhe é inerente. O jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social. (MEDITSCH, 1997, p. 3)

Baseado no estudo pioneiro de Robert Park, de 1940, Nielsen (2021) vai um tanto além, ao abordar as notícias digitais como “formas de conhecimento”.

Afirma o autor:

As notícias estão intimamente relacionadas ao conhecimento. É parte da autocompreensão do jornalismo que as notícias ajudam as pessoas a entender o mundo ao seu redor. Querer saber mais sobre o mundo é uma motivação-chave para o uso de notícias. A hipótese de que aqueles que consomem notícias

<sup>15</sup> [...] lo que está en cuestión es el propio concepto de 'conocer'. [...] Los medios hoy no sólo son vehículos fundamentales de acceso al conocimiento sino que contienen parte de esse conocimiento. Se trata de un conocimiento que se caracteriza por: a) su vinculación a la actualidad; b) su transmisión a través de diferentes códigos, lenguajes y soportes (imagen, sonidos, gráficos,

etc.) que, además de las respuestas lógicas, estimulan las sensaciones; y c) una oferta plural (en cantidad y no siempre en calidad) de sus contenidos que responde a criterios distintos y a veces enfrentados.

sabem, de fato, mais sobre o mundo ao seu redor tem sido um foco central da análise acadêmica sobre esse tema. A ideia de que as notícias levam a uma cidadania mais informada e capacitada e, portanto, a uma sociedade mais funcional e a uma democracia mais robusta, tem sido fundamental para a maioria das teorias normativas do jornalismo. Todos esses diferentes autoentendimentos, motivações pessoais, hipóteses acadêmicas e teorias normativas baseiam-se na conexão entre a notícia e o conhecimento. (NIELSEN, 2021, p. 1-2, 7)

Para a professora e jornalista brasileira, Isabelle Anchieta (2011, p. 157), o jornalismo é um tipo de conhecimento “paradoxal”, ainda desconsiderado pelo fazer científico, porém, central para as sociedades atuais. Aproxima-se do senso comum, mas não se equivale a ele.

O que o jornalismo realiza é a tradução de conhecimentos especializados e complexos para uma linguagem de alta comunicabilidade. Compara números abstratos com referências cotidianas, humaniza dados de pesquisa elegendo personagens, concilia fontes especializadas com cidadãos comuns. Há nessa interação entre dados e vida cotidiana, entre especialistas e não especialistas a emergência de um saber voltado e interessado no presente e na orientação do homem na vida real e cultural de sua sociedade. Sua função e pretensão limitam-se nesse tempo e espaço, o que torna seu discurso fragmentado, mas nem por isso menos relevante do que o Histórico. São diferentes. Cumprem funções e dão conta de ritmos diversos da passagem do tempo. (ANCHIETA, 2011, p. 170) [sic]

A autora defende que o jornalismo é um conhecimento singular, por possuir quatro características: 1) uma ordenação do tempo particular (focada no presente); 2) um processo particular de seleção dos acontecimentos sociais (na esfera tanto subjetiva quanto organizacional); 3) uma narrativa própria (baseada nos valores-notícia, com critérios de seleção, hierarquização e organização); 4) relações particulares com o poder e o público (entre jornalista e fontes “acreditadas” de informação) (ANCHIETA, 2011).

[...] o jornalismo, deve ser compreendido, julgado e analisado tendo em vista seu *ethos* e função social. Não faz sentido avaliar seu lugar dentre as áreas de conhecimento, comparando-o com campos de saber que possuem intenções e papéis diversos na sociedade. [...] o jornalismo possui uma característica que definitivamente o distingue das demais áreas: a publicização do saber através de uma linguagem de alta comunicabilidade. (ANCHIETA, 2011, p. 172)

Busquemos agora verificar de que maneira esse saber particular é enfocado nos documentos norteadores da educação brasileira.

#### 4. O jornalismo na BNCC

O trecho da BNCC focado nesta pesquisa, que trata mais especificamente do ensino fundamental nos anos iniciais, foi homologado pelo Ministério da Educação (MEC) em dezembro de 2017, após aprovação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão normativo do sistema nacional de educação. A Base, enquanto norma social, visa a desenvolver nos estudantes, durante a educação básica, uma série de competências cognitivas e socioemocionais. Para tanto, é estruturada de modo a explorar 10 competências, desde a educação infantil, passado pelo ensino fundamental (ciclos I e II) até o ensino médio.

[...] Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013) [...], mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU)[...] (BRASIL, [2017.], p. 8).

Entre as competências gerais da educação básica, as que mais dizem respeito ao papel do jornalismo como saber e, ao mesmo tempo, ferramenta pedagógica, são quatro.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. [...]

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, [2017], p. 9).

Na BNCC, assim como acontece no Currículo Paulista, considerado o recorte nos ciclos iniciais do ensino fundamental, o jornalismo é referido explicitamente na “Área de Linguagens”, sobretudo no ensino de “Língua Portuguesa”. Afirma a norma:

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (Brasil, [2017], p. 63).

Neste caso, o jornalismo é visto como ferramenta que auxilia estudantes do 1º ao 5º ano, com idades entre seis e 11 anos de idade, a estar neste mundo de relação e a aprender a ler este mundo, a realidade (próxima e distante), o outro e tudo o mais à sua volta, contribuindo para construir um senso de comunidade, cidadania e democracia. É o que se percebe nas informações levantadas junto aos professores da rede municipal que participaram desta pesquisa.

Nos termos da BNCC, o jornalismo é empregado na aquisição das chamadas “práticas de linguagem”, organizadas em “campos de atuação”: leitura e produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. Todas elas estão profundamente enraizadas em situações da vida social e, em razão disso, precisam ser trabalhadas em contextos significativos para os estudantes.

Entre os campos de atuação propostos no documento, o jornalismo é mais fortemente presente em dois: o campo da vida cotidiana (exclusivo dos anos iniciais) e o campo da vida pública (que nos anos do ciclo II do ensino fundamental se desdobrarão em campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública). Em ambos, percebe-se a recomendação para que se amplie o uso dos gêneros jornalísticos, já trabalhados na escola, considerando-se a forte presença das TDICs. Afirma o documento:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola [...], tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais. [sic] (BRASIL, [2017], p. 69)

É assim que se recomenda a professores de língua portuguesa, no campo da vida pública, atividades de escrita (compartilhada e autônoma) típicas do jornalista, a fim de desenvolver em estudantes de 1º e 2º ano as seguintes habilidades:

(EF12LP11) Escrever, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, fotolegendas em notícias, manchetes e lides em notícias, álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para público infantil, digitais ou impressos, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. (BRASIL, [2017], p. 107)

Ou ainda no mesmo campo da vida pública, na esfera da oralidade, a produção de texto oral por alunos do 2º ano, com vistas a conquistar as seguintes habilidades:

(EF02LP19) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, notícias curtas para público infantil, para compor jornal falado que possa ser repassado oralmente ou em meio digital, em áudio ou vídeo, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. (BRASIL, [2017], p. 107)

Assim como essas, é possível encontrar na BNCC diversas outras recomendações de práticas, ligadas ao jornalismo.

Se, como diz Charlot (2000), a relação com o saber diz respeito à relação com o mundo, consigo mesmo e também com os outros, percebe-se como o saber jornalístico consegue contribuir para o estabelecimento dessas conexões, isto é, para que a criança, em sala de aula, encontre o significado das coisas, de si mesmo, do outro, do mundo à sua volta e do tempo em que vive, estabelecendo as relações simbólicas, ativas e temporais de que nos fala o autor.

Como explica Flávio Caetano da Silva (2022), a narrativa jornalística é mais do que informação que chega até eles por meio dos sentidos, uma vez que, graças à prática pedagógica mediada pelo(a) professor(a), produz significado, transformando-se, assim, em saber. A forma peculiar como esse saber é internalizando, gerando um jeito de conceber o mundo, isto é, o conhecimento, contará também com o auxílio do(a) professor(a).

Observa-se que, para que esses jovens estudantes conquistem as competências preconizadas pela BNCC e pelo Currículo Paulista, o saber jornalístico oferece a eles suas peculiaridades: foco no presente, seleção de acontecimentos sociais, forma narrativa própria de selecionar, hierarquizar e

organização as informações e emprego de diversas linguagens na construção de mensagens de fácil entendimento.

## 5. Sobre a metodologia empregada

O tema deste estudo de caso surgiu durante as aulas da especialização *lato sensu* “Da escola pública à escola outra: relações com o saber que afetam projetos de vida e do trabalho”, disponibilizada pela UFSCar. O levantamento bibliográfico inicial, em busca de artigos científicos e monografias, foi feito em sites acadêmicos como Scielo, Capes, Scholar Google, Bdt d Ibict e Science, bem como na biblioteca da própria cursista. À medida que eram lidos, os artigos, as monografias e os livros eram catalogados e registrados em tabelas de instruções para serem usados no artigo.

Essa pesquisa exploratória realizou o estudo de caso, com o objetivo de retratar a situação encontrada no contexto temporal e geográfico específico. Após essa fase, a intenção foi dar continuidade à investigação, expandindo-a tanto em termos de participantes, quanto em relação aos aspectos descritivos e explicativos.

A fim de averiguar o uso pedagógico do jornalismo em sala de aula, em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, um questionário com 12 perguntas padronizadas foi elaborado, apresentado ao professor orientador e ajustado após considerações. Antes de ser elaborado, porém, foram realizadas duas entrevistas iniciais, por meio da técnica de *approach*<sup>16</sup>, preparatórias para a elaboração do formulário.

A ferramenta foi então submetida a professores da rede municipal de ensino, vinculados à especialização, que atuavam em salas de aula das turmas do 1º ao 5º ano da educação básica. O convite à participação foi enviado por telefone, por meio do aplicativo WhatsApp, e também por e-mail, nos grupos de

---

<sup>16</sup> Muito empregado no marketing, o termo é também usado nas demais áreas do campo da comunicação, em especial, as que trabalham com meios sonoros, audiovisuais e telemáticos, como RTVi (Rádio-TV-internet) e jornalismo. Diz respeito ao procedimento de abordagem, em um anúncio ou em uma campanha, que facilita atingir um objetivo. No caso do jornalismo, o *approach* se refere à técnica de estreitamento de relação entre o jornalista e uma eventual fonte de informação, com vistas a um tema que se deseja cobrir, conquistando a confiança dessa fonte e levantando informações preliminares.



inscritos na pós-graduação, em junho de 2022. O local da pesquisa foi escolhido em razão da cooperação firmada entre a instituição de ensino superior e a prefeitura, onde trabalham tanto os professores entrevistados quanto a jornalista pesquisadora.

## **6. Um olhar para os dados: o uso do jornalismo na escola municipal durante os anos iniciais do ensino fundamental**

A pesquisadora apresentou aos professores 12 perguntas padronizadas. Verificou-se a participação de 15 profissionais. Todas as questões foram respondidas, exceto a de número 3, por estar associada à anterior. Feito esse apontamento inicial, passa-se agora a focar nas respostas obtidas.

Ao indagarmos aos docentes para que turma(s) lecionavam na rede municipal, em 2022, data de realização deste levantamento, observamos que quatro ensinavam para o 2º ano, quatro para o 3º, quatro para o 5º e três para o 4º ano. Nenhum dos participantes lecionava para o 1º ano.

Ao perguntarmos sobre o uso de textos informativos em sala de aula, sejam receitas, bulas de remédio, listas de compras e bilhetes, sejam notícias, reportagens, *podcasts* e outros, as 15 respostas obtidas confirmaram o uso habitual do texto informativo em atividades escolares.

Nenhum deles referiu prescindir desse tipo de material. Ressalte-se o fato de que 14 afirmaram usar os formatos jornalísticos (nota, notícia, reportagem, *podcast* jornalístico, vídeo-reportagem, dentre outros) junto a seus alunos, e somente um empregava outros tipos de textos informativos (bulas de remédio, listas de compras, bilhetes e outros).

A frequência de uso desse tipo de recurso pedagógico pode ser considerada habitual, uma vez que acontecia em um ciclo, ou semanal ou mensal: duas vezes por semana (cinco respostas), uma vez por semana (uma resposta), uma vez por mês (três respostas) e duas vezes por mês (uma resposta). Outras cinco respostas não souberam informar a respeito.

Segundo o levantamento, a busca desses materiais ocorreu, majoritariamente, em sites informativos na internet (páginas oficiais de jornais e emissoras de rádio, TV, portais informativos de grupos de comunicação), conforme as 13 respostas obtidas. Também em veículos impressos (como jornal impresso, revista ou livro-reportagem), com oito respostas. Outras quatro

respostas mencionaram busca em redes sociais ou aplicativos de celular (WhatsApp, Telegram e similares); dois na TV e um no livro didático.

No âmbito da internet, a busca foi feita principalmente em plataformas de material multimídia como sites informativos: *Estadão*, *Folha*, *Globo*, CNN, G1, UOL, *Folhinha de São Paulo*, dentre outros. Foram registradas 10 respostas. Em seguida, com oito respostas, vieram as plataformas segmentadas, sites de cunho pedagógico: *UOL Educação*, revista *Nova Escola*, *Brasil Escola*, dentre outros. Já entre os impressos, com 10 respostas, sobressaíram veículos também voltados ao nicho pedagógico, como revista *Nova Escola*, *Brasil Escola*, revista *Crescer*, livros didáticos, dentre outros, seguidos pelos informativos voltados ao público em geral, como *Estadão*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, dentre outros, com cinco respostas. O livro didático também foi referenciado em uma resposta.

Entre o(s) critério(s) mais utilizados na seleção do texto jornalístico a ser usado em sala de aula, os mais lembrados foram: clareza na apresentação de fatos e ideias e conexão com temas pedagógicos trabalhados em sala, com 12 respostas cada; em seguida, com nove respostas, vem a relevância dos temas. O fácil entendimento aparece em sete respostas e a conexão com a realidade extratextual em seis.

Entre as características mais referidas, nesse reconhecimento do texto jornalístico, quando comparado com outros textos informativos, estão: objetividade, com 12 respostas; atualidade, com 11; clareza e credibilidade, empatadas com nove respostas cada; estrutura textual e ser publicada em veículo informativo, também empatadas com oito respostas cada. Também foram lembradas: conexão com a realidade extratextual, relevância e autoria do texto, com cinco respostas cada; ser verdadeiro com três respostas e aspectos visuais/formato do texto, com duas respostas.

Segundo os professores consultados, é grande a aceitação desses materiais por parte dos alunos, com parâmetros que vão de ótimo, com nove respostas, a bom, com cinco. Houve, porém, uma resposta regular à pergunta, sem maiores explicações por parte do docente.

Ao indagarmos com que objetivo(s) pedagógico(s) utilizavam o texto informativo, 14 responderam que o fazem em atividades orais, seja como bate-papo, roda de conversa e similares. Em seguida, empatadas com nove respostas

cada, vêm as atividades orais de leitura em voz alta e as de leitura e interpretação de textos (leitura silenciosa). Depois, com seis respostas, vêm as atividades de leitura e escrita, para produção de novos textos.

Houve ainda respostas surpreendentes, que ressaltaram a natureza institucional (organizacional) da escolha, pois revelaram que eles assim o faziam para atender a recomendações normativas e materiais referenciais no âmbito pedagógico: a BNCC (cinco respostas), o Currículo Paulista (três respostas) e o PPP-Projeto Político Pedagógico da escola (duas respostas).

Uma única resposta optou pelo item “Outros”, fazendo menção à possibilidade de utilizar o texto jornalístico para “discutir sobre temas da atualidade e mostrar onde podemos encontrar notícias verdadeiras”.

Boa parte das respostas abertas acerca de como os professores usam ou usaram, na prática, o texto jornalístico em sala de aula ressaltou o seu emprego como ferramenta pedagógica em prol do aprender, tal como aponta Mar de Fontcuberta (apud EMPINOTTI; PAULINO, 2018), em *Comunicación y educación: una relación necesaria*. Aqui, o jornalismo é visto como agente educativo, dimensão socializadora e espaço para exercício de cidadania. Entre os usos referidos estão os de:

- "leitura, interpretação, análise da estrutura gramática e ortografia";
- "uso de várias formas, inclusive em matemática";
- uso "lúdico";
- "lendo para os alunos as informações, pedindo para que o identifiquem e justifiquem com informações do texto a resposta dada; conversando com os alunos sobre a função dos textos informativos e registrando as atividades no caderno";
- uso "tanto do próprio veículo quanto por transcrições, respeitando o seu estilo e explorando características".

Alguns ressaltaram também o uso dos textos jornalísticos em atividades orais:

- "para leitura e entonação, entendimento de ideias e debates";
- "geralmente, faço a leitura do texto em voz alta e discutimos o tema em roda de conversa";
- "leitura, interpretação, discussões sobre os temas abordados";

- "utilizo a revista *Ciências Hoje das Crianças* que tem diversas supercuriosidades para trabalhar leitura, oralidade e debates sobre a reportagem com as crianças";
- “por ser 3º ano, há alunos não alfabetizados ainda, então, uso os textos, na maioria das vezes, como leitura introdutória para discussão oral e coletiva. Alguns exemplos: coronavírus (contágio, como evitar, quantidade de casos etc.), datas comemorativas, economia, violência, guerras, entre outros assuntos”.

Nos casos acima, sobressai tanto o caráter do jornalismo como “linguagem de alta comunicabilidade”, que facilita a aquisição e o manuseio de outras linguagens, como assinala Anchieta (2011, p. 170), quanto como saber, tal como o define Charlot (2000, p. 77), ao falar do aluno imerso nessa relação “com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito7 confrontado com a necessidade de aprender”.

Como mencionado anteriormente, ressaltou-se também o imperativo do atendimento a normas do âmbito escolar:

- “geralmente nas atividades de língua portuguesa, mas sempre em temas que possam contemplar os outros componentes curriculares” e
- “atividades BNCC, leitura e interpretação de textos, atividades sobre gênero textual”.

São relevantes ainda as menções ao jornalismo como saber que permite trabalhar questões relativas à cidadania, leitura e interpretação do mundo, bem como de pertencimento a ele, isto é, como saber voltado para o tempo presente e à orientação do sujeito no mundo palpável e também cultural (ANCHIETA, 2011). Um professor ressaltou peculiaridades dessa narrativa quanto ao foco no presente e à seleção de acontecimentos sociais:

O uso de texto jornalístico e/ou informativo tem sido recorrente na minha práxis pedagógica, haja vista sua funcionalidade na vida de todos nós enquanto cidadãos que estão em busca de informações a cada segundo. Além disso, gosto de trabalhar com esse gênero textual, com o intuito de mostrar aos meus alunos a importância de buscar informações idôneas frente às recorrentes *fake news* com que nos deparamos.

Outro lembrou que usa

através de sequência didática, fazendo uma abordagem do tema, contextualizando às disciplinas e conseqüentemente às habilidades. Gosto de

expor o trabalho anteriormente com a turma em roda de conversa para aproveitar o conhecimento prévio dos alunos e fazer as intervenções necessárias para introduzir a leitura, discussões e atividades.

Um terceiro profissional ressaltou que o faz, "apresentando novas ideias para discussão dentro da sala de aula". Cada um a seu modo mostra como a figura do professor age para auxiliar o aluno a construir significados e estabelecer relações com esse tipo de saber, com vistas à produção de conhecimento.

## **7. A título de conclusão**

Ao final deste percurso, confirmou-se a hipótese desta pesquisa: professores dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede municipal estudada, utilizaram textos jornalísticos em atividades pedagógicas, em sala de aula, entre 2021 e 2022. Esse uso habitual variou numa frequência ora semanal, ora mensal.

Verificou-se também, com base nas respostas dadas pelos docentes, a aceitação desses materiais por parte dos alunos, com parâmetros que vão, sobretudo, de ótimo a bom. Para esses docentes, texto jornalístico é aquele reconhecido por apresentar características como objetividade, atualidade e clareza, bem como por sua estrutura textual, ser publicado em veículo informativo, apresentar conexão com a realidade extratextual, ser relevante e ter autor conhecido, ser verdadeiro e por seus aspectos visuais, seu formato.

A escolha dos materiais jornalísticos aconteceu, majoritariamente, em canais confiáveis: sites informativos na internet, seja de âmbito geral, como as páginas oficiais de jornais e emissoras de rádio, TV, portais informativos de grupos de comunicação, seja segmentado ao nicho pedagógico; veículos impressos, como jornal impresso, revista ou livro-reportagem; e emissoras de TV.

A coleta foi feita tanto em sites informativos de veículos como *Estadão*, *Folha*, *Globo*, CNN, G1, UOL, *Folhinha de São Paulo* e outros, quanto em plataformas segmentadas, tais como UOL Educação, revista *Nova Escola*, *Brasil Escola*. Entre os impressos, apareceram os veículos voltados ao público em geral, como *Estadão*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, dentre outros, bem como os destinados ao nicho pedagógico, como revista *Nova Escola*, *Brasil Escola*, revista *Crescer*, livros didáticos, dentre outros. Porém, houve ainda preocupante

menção à busca em redes sociais ou aplicativos de celular (WhatsApp, Telegram e similares).

No tocante às práticas e atividades relativas ao processo de ensino-aprendizagem adotadas, objetivo geral desta pesquisa, constatou-se que o texto jornalístico é visto como um misto de ferramenta e saber, usado em “práticas de linguagem”, nos campos da vida cotidiana e da vida pública, como prescreve a BNCC. Têm papel de destaque em: atividades orais – bate-papo, roda de conversa e similares, leitura em voz alta, debate de ideias e outras atividades de leitura e escrita, como a produção de novos textos, assim como em atividades de leitura e interpretação de textos (leitura silenciosa).

Por suas características específicas, é visto como uma espécie de aliado do professor nas tarefas de levar o estudante a adquirir competências importantes no campo das linguagens e da cognição, como ler, escrever, expressar-se verbalmente, interpretar, compreender.

As respostas obtidas mostram que o texto jornalístico é escolhido em razão de aspectos bem afeitos ao fazer pedagógico, tais como clareza na apresentação de fatos e ideias, fácil entendimento, relevância de assuntos tratados e conexão com temas também pedagógicos trabalhados em sala e com a realidade extratextual.

Embora algumas respostas tenham referido o uso do jornalismo para atender a prescrições normativas, coletivas e institucionais, como as da BNCC, do Currículo Paulista e do PPP da escola, percebeu-se, ao longo da pesquisa, nas respostas fechadas e abertas e nas entrevistas iniciais, preparatórias para a elaboração do formulário. O foco desse uso reside tanto no campo das linguagens e da cognição, quanto nas questões da cidadania, vivência democrática e do senso de pertencimento à comunidade.

Desse modo, percebeu-se também, no estudo da relação do professor de sala com o jornalismo, que ele é considerado uma espécie de saber com características específicas, à disposição da relação ensino-aprendizagem e, por suas peculiaridades, contribui também para as relações de saber do aluno com o seu entorno. Eventuais pontos negativos não foram mencionados durante o levantamento.



## Referências bibliográficas

ABREU, Diego. *STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista*. G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALISTA.html>. Acesso em: 01 out. 2023.

ANCHIETA, Isabelle. O paradoxal estatuto do conhecimento jornalístico: entre a desconsideração e o protagonismo do saber produzido pelas notícias nas sociedades modernas. *Intercom-RBCC*, v.34, n.2, p.157-174, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/intercom/a/7nxD5GSYpr9DFV9vhQPkLcB/>. Acesso em: 27 mar. 2022.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BECKER, Beatriz. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais.

*MATRIZES*, v.5, n.2, p. 231-250, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p231-250>. Acesso em: 27 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. *Base Nacional Comum Curricular - BNCC*. [2017] Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 12 mar. 2022.

CAMPOS, Ione Ferreira da Silva de. *O ensino do gênero notícia segundo a abordagem da BNCC*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em:

<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/25163>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 13 set. 2021.

EMPINOTTI, Marina Lisboa; PAULINO, Rita de Cássia Romeiro. Aproximações entre jornalismo e educação. *Comunicação & Educação*, v.23, n.1, p. 53-64, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v23i1p53-64>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FONTCUBERTA, Mar de. Comunicación y educación: una relación necesaria. *Cuadernos.info*, n. 14, p. 140-147, 2001. DOI: 10.7764/cdi.14.190. Disponível em: <http://cuadernos.info/index.php/cdi/article/view/24337>. Acesso em: 13 jun. 2022.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.



- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- LOPES, Anabela Sousa.; SILVESTRE, Cláudia; MATA, Maria José. O que é jornalismo?: percepções de estudantes de jornalismo no século XXI. *Media & Jornalismo*, v.20, n.37, p. 205-220, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_37\\_11](https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_11). Acesso em: 26 abr. 2022.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. 2.ed. São Paulo: Hacker, 2002.
- MEDINA, Cremilda. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - BOCC*, p 3-13, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- NIELSEN, Rasmus Kleis. Notícias digitais como formas de conhecimento: um novo capítulo na sociologia do conhecimento. *Intexto*, n. 52, e-96916, jan./dez. 2021. DOI:<http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202152.96916>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/96916/60783>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- PEC exige diploma para exercício da profissão de jornalista. *Agência Câmara de Notícias*. Brasília: Câmara dos Deputados, 13 set. 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/384053-pec-exige-diploma-para-exercicio-da-profissao-de-jornalista/>. Acesso em: 01 out. 2023.
- PENA, Felipe (coord.). *Jornalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005a. (Coleção 1000 Perguntas).
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005b.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. *Revista de Comunicação e Linguagens: Jornalismo*, n.?, p. 9-15, dez. 1988.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. *Relatório "Folha"*. São Paulo: original do autor (inédito), 1988.
- SÃO PAULO. *Currículo Paulista: a etapa do ensino fundamental - área e linguagens*. São Paulo, Secretaria de Educação, [s.d.]. p. 95-206. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- SCHUDSON, Michael. Por que é que as notícias são como são? *Revista de Comunicação e Linguagens: Jornalismo*, n.8, p. 17-27, dez. 1988.
- SILVA, Flávio Caetano da. Pós graduação 2 – Aula 1 – Disciplina 01 [audiovisual]. In: Youtube. *Pós-Graduação Escola Pública: Relações com o Saber*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z5nFiCmEHj4>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SILVA, Maiara Sobral; MOURA, Isabella Cruvinel Machado de Araújo. As implicações da queda da obrigatoriedade do diploma de Jornalismo na sociedade. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – BOCC*, Universidade da Beira Interior, Portugal, 2012. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-moura-as-implicacoes-da-queda-da-obrigatoriedade.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA, M. S.; LOPES, Q. V., BATISTA, I. A. As implicações da queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo na sociedade: sob a perspectiva do voto emitido pelo relator do processo /The implications of the fall in the obligation of the Journalism diploma in society: from the perspective of the vote cast by the rapporteur of the process. *Brazilian Journal of Development*, v.6, n. 9, p.67458–67464. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n9-251>. Acesso em: 30 set. 2023.

TRAQUINA, Nélon. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nélon. As notícias. *Revista de Comunicação e Linguagens: Jornalismo*, n. 8, p. 29-40, dez. 1988.